

Sobre valores de “se” no português europeu e no português em Angola

On the values of “se” in European Portuguese and Portuguese in Angola

Timóteo Sumbula Muhongo
Universidade do Porto (Portugal)
timuhongo@hotmail.com

Resumo

Esta investigação objetiva apresentar um quadro teórico sobre a passiva verbal, a passiva de *se* e outros valores de *se* numa perspetiva comparada –Português Europeu e Português Angolano–. Nesta ordem, considera-se existirem algumas diferenças em estruturas de *se* como sujeito indeterminado, anafórico, inerente e decausativo. Para a concretização do estudo, recorreu-se a duas formas de pesquisa (local e remota) a diferentes tipos de fontes, orais, documentais e bibliográficas. Quanto ao método, foi usado o qualitativo.

Palavras-chave: *Se* impessoal; passiva verbal; passiva de *se*; *se* reflexo e *se* recíproco; estrutura temático-argumental.

Abstract

This research aims, fundamentally, at presenting a theoretical framework on the verbal passive, the passive of se and other values of se in a comparative perspective –European Portuguese and Angolan Portuguese–. It is considered that there are some differences in the structures of se as indeterminate, anaphoric, inherent and decausative subject. For the accomplishment of the study, two forms of research are used (local and remote) in different types of sources: oral, documentary and bibliographical. The method used is the qualitative method.

Keywords: *Impersonal se; verbal passive; passive of se; reflexive se and reciprocal se; thematic and argument structure.*

Introdução

O português, não sendo realizado da mesma forma ao longo da sua extensão territorial, é de facto objeto de alguma reflexão. Os acontecimentos históricos,

os contactos com falantes de outras línguas ou o tempo determinam que a língua, progressivamente, se diferencie e que cada região em que é falada desenvolva traços próprios. Neste artigo, apresentamos um quadro teórico sobre a passiva verbal, a passiva de *se* e outros valores de *se* numa perspetiva contrastiva –Português Europeu e Português em Angola–.

As orações com diátese ativa ou passiva descrevem uma situação, que pode ser, sob o ponto de vista semântico, evento ou estado. A diferença entre as duas diátesses consiste no facto de a situação na ativa ser perspetivada a partir da entidade com o papel temático externo; enquanto na passiva se perspetiva a situação descrita pela frase a partir da entidade com o papel temático interno.

As gramáticas gregas já falavam sobre a diátese ativa e passiva. A estas acrescentavam a diátese média como uma categoria intermédia, pois reunia características da diátese ativa e da passiva. As estratégias de uso do *se* como clítico, em Angola, revelam algumas ruturas estruturais.

Relativamente à estrutura da nossa perquirição, a reflexão desenvolve-se em torno de seis pontos. No primeiro ponto, *Passiva verbal*, explicitamos a estrutura temática, a estrutura argumental e a estrutura sintática da passiva verbal.

No segundo ponto, *Se impessoal*, descrevemos a estrutura temático-argumental das estruturas passivas de *se* e apresentamos o *se* como clítico argumental de referência arbitrária.

No terceiro ponto, *Se anafórico*, descrevemos a organização e materialização da estrutura temático-argumental das estruturas reflexas e recíprocas. Além disso, caracterizamos o *se* anafórico, o *se* indeterminador e o *se* apassivador quanto à sua capacidade referencial.

No quarto ponto, *Alternância causativa: se decausativo*, apresentamos o *se* como partícula destransitivizadora do verbo.

No quinto ponto, *Estruturas de se inerente*, apresentamos o *se* como clítico sem conteúdo semântico.

No sexto ponto, *Diferenças estruturais com o se em Angola*, apresentamos as principais diferenças entre o Português em Angola e o Português Europeu.

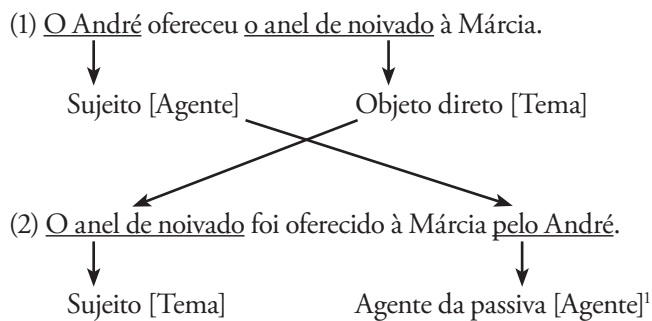
Passiva verbal

Reconhecemos que o *se* pode ser de facto conector condicional, introduzindo orações condicionais potenciais, contrafactuais, factuais e ilocutórias. Em alguns casos, estas estruturas factuais, além de terem um valor explicativo, apresentam um valor ilocutório de desqualificação, crítica do outro e podem ser ativadoras de

polifonia, pois convoca-se uma doxa para refutar o outro. Mas, o *se* condicional não é contemplado neste artigo.

As orações passivas verbais também denominadas passivas perifrásticas são seguramente aquelas em que ocorre um grupo verbal complexo iniciado pelo verbo auxiliar *ser* seguido de um particípio com o estatuto verbal correspondente ao verbo pleno da oração ativa (Duarte, 2010).

Atentemos no seguinte exemplo e notemos a sua transformação de uma diátese ativa para uma diátese passiva:



Como podemos notar, os predicadores de ambas as frases –*ofereceu* e *ser oferecido*– são formas do mesmo verbo –*oferecer* (Peres & Moia, 1995). As orações passivas verbais descrevem eventos, ou seja, situações dinâmicas.² Por terem esta propriedade, são também denominadas passivas eventivas. As passivas verbais caracterizam-se precisamente por uma componente agentiva e por uma componente eventiva, pois focalizam a fase do processo de mudança de estado, lugar ou posse (Duarte, 2013).

A partir do movimento de constituintes, notamos que o argumento interno (objeto direto) da oração ativa passa a ser alinhado com a relação gramatical de sujeito na passiva correspondente (Eliseu, 2008). O argumento externo (sujeito) da oração ativa passa para uma posição não central, pois passa a estabelecer uma relação gramatical oblíqua. Assim, na passiva, tal

¹ O complemento agente da passiva, também denominado *sintagma por*, pode ser introduzido pela preposição *de*. Isso acontece quando nas passivas verbais ocorrem verbos psicológicos, tais como amar, estimar, odiar, e certos verbos epistêmicos como conhecer, saber, e verbos que descrevem uma relação entre entidades contíguas no espaço, tais como cercar, cobrir, rodear (Duarte, 2003b).

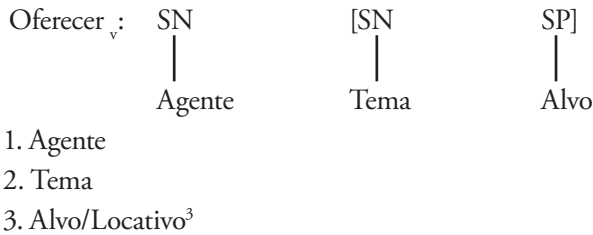
² Diz-se que uma situação é dinâmica quando uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança de estado, de lugar ou de posse (Duarte, 2013).

constituente passa a ser introduzido pela preposição de valor agentivo por e tem precisamente a relação gramatical de complemento agente da passiva (Duarte, 2003a).

ESTRUTURA TEMÁTICA	Agente	Tema
ESTRUTURA ARGUMENTAL	X	Y
ESTRUTURA SINTÁTICA	SU	Sintagma por

Quadro 1: Passiva verbal: estrutura temático-argumental e respetiva materialização
Fonte: Ribeiro (2011)

No que se refere à estrutura sintática, convém lembrar que, como mostra Jackendoff (1991), há relação entre a seleção categorial e a seleção semântica e obedece-se a uma hierarquia da estrutura argumental. A título ilustrativo, notamos que a frase (1.a) tem um predicado ternário e obedece à hierarquia temática que pode ser esquematizada do seguinte modo:



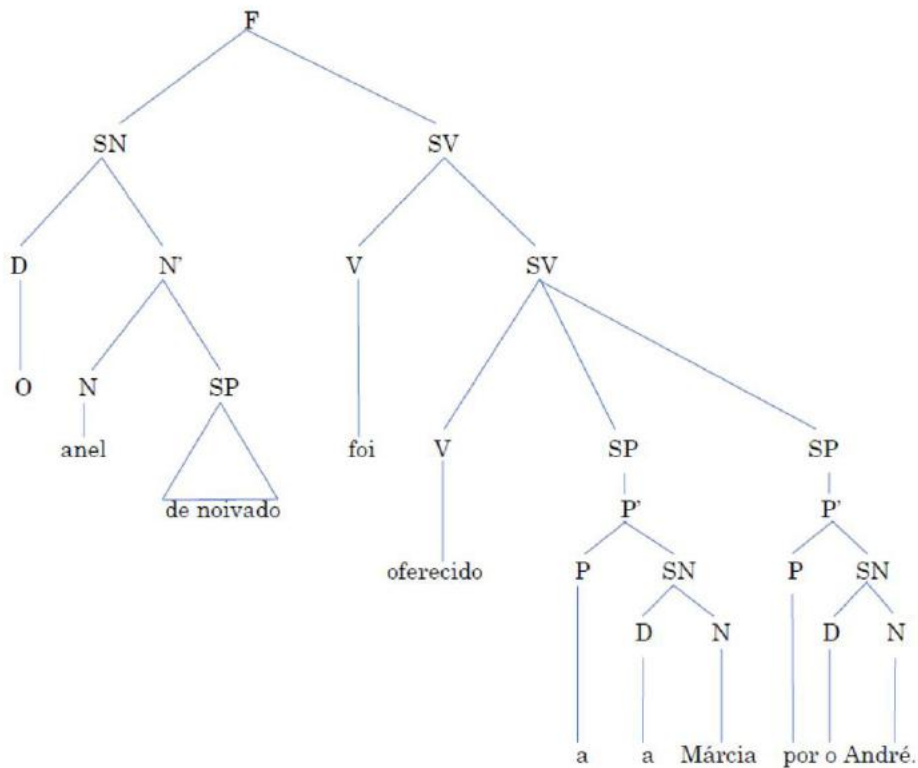
Nas passivas, além de ocorrer uma forma auxiliar de *ser* no mesmo tempo e modo do verbo pleno da ativa correspondente, o verbo pleno da oração ativa assume na passiva correspondente a forma de particípio passado e concorda em número e género com o sujeito (Duarte, 2013). É igualmente notável a constância de papéis temáticos entre o sujeito da passiva e o objeto direto da ativa correspondente e entre o complemento agente da passiva e o sujeito da ativa correspondente (Duarte, 2003b).

Julgamos importante sublinhar que o complemento agente da passiva é de carácter opcional. As orações passivas em que ocorre o complemento agente da passiva são, por esta razão, denominadas passivas longas. As orações passivas

³ Certos verbos admitem que o argumento externo possa ter mais do que um papel temático. A título ilustrativo, isso acontece com o verbo matar –que pode seleccionar um argumento externo com papel temático de Agente ou Fonte– e o verbo partir, que pode seleccionar um argumento externo com o papel temático de Agente ou Experienciador (Duarte & Brito, 2003).

em que o agente da passiva não está expresso são de facto denominadas passivas curtas (Duarte, 2013).

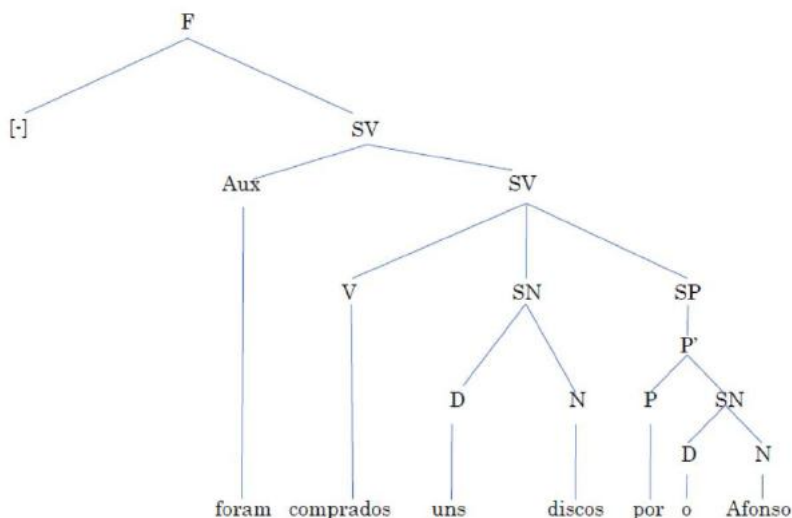
Na oração passiva verbal, a estrutura temática mantém-se. Há, porém, uma estrutura sintática e informacional diferente. Este tipo de alinhamento faz das orações passivas um caso particular de orações intransitivas e de orações inacusativas. Só podem ocorrer em orações passivas verbais os verbos de predicado binário ou ternário em que o argumento que se realiza como sujeito da frase tem o estatuto de argumento direto na entrada lexical do verbo. Partindo do modelo apresentado por Baker (2001), as categorias que funcionam como complemento ficam à direita do núcleo e os especificadores à esquerda. Podemos, segundo a Sintaxe Generativa, notar a seguinte representação arbórea da frase (2).



A frase com a representação arbórea anterior é, como advoga Duarte (2013), uma passiva pessoal, pois o sujeito dela é realizado na posição canónica pré-verbal. O sujeito da oração passiva verbal pode estar em posição pós-verbal, em especial se for uma expressão indefinida ou um sintagma nominal reduzido. Quando isso acontece, a oração é denominada passiva impessoal. Para ilustrar, atentemos na

frase, cuja descrição é certamente feita a partir das propostas de análise de Raposo (1992) e Wasow (2001).

(3) “Foram comprados uns discos pelo Afonso”.



“Se” impessoal

O *se* é usado com um valor impessoal quando não se pretende ou não se consegue identificar com precisão a entidade subjacente à situação descrita. Assim, este *se* ocorre seguramente nas estruturas passivas e nas estruturas de sujeito indeterminado (Mendes & Estrela, 2008).

(4) “Vendeu-se muitas casas naquele bairro”.

↓
nominativo

(5) “Estas casas venderam-se ontem”.

↓
Passivo

Estruturas passivas com o “se”

A passiva de *se* é, como advoga Duarte (2013), aquela cuja diátese passiva é expressa através do pronome átono de 3.^a pessoa *se*, sem qualquer verbo auxiliar ou morfologia verbal especial no verbo pleno. Este *se* tem estatuto quase-argumental

e funcional (Brito, Duarte, & Matos, 2003). Notemos a estrutura temático-argumental e respetiva materialização da passiva de *se*.

Estrutura semântica	Agente	Tema
Estrutura argumental	X	Y
Estrutura sintática	SU	SE

Quadro 2: Estruturas passivas de *se*: estrutura temático-argumental e respetiva materialização

Fonte: Ribeiro (2011)

Além da constância do papel temático na transformação de uma oração ativa e uma passiva, uma das semelhanças entre as passivas verbais e as passivas pronominais é, por um lado, o facto de admitirem expressões adverbiais que pressupõem um agente, incluindo advérbios como *intencionalmente*, *propositadamente*, *voluntariamente* e orações subordinadas finais (Duarte, 2013). Podemos notar isso nos seguintes exemplos:

(6a) “O raciocínio algébrico é ensinado propositadamente na escola” (Duarte, 2013).

(6b) “O raciocínio algébrico ensina-se propositadamente na escola” (Duarte, 2013).

(7a) “As obras mais recentes foram publicadas numa editora espanhola para garantir maiores tiragens” (Duarte, 2013).

(7b) “As obras mais recentes publicaram-se numa editora espanhola para garantir maiores tiragens” (Duarte, 2013).

É, por outro lado, importante sublinhar que as duas passivas têm ainda semelhanças importantes, como defende Mendikoetxea (1999), “las pasivas de *se* comparten con las pasivas perifrásticas el hecho de que tienen como sujeto gramatical al objeto de la oración activa”.

Dissemelhantemente da passiva verbal, nas passivas pronominais, o agente não pode, normalmente, aparecer especificado num sintagma preposicional (Mendikoetxea, 1999).

(8a) “Compraram-se todos os discos de Il Divo”.

SU

(8b) “Compraram-se todos os discos de Il Divo pelos estudantes”.

Como se pode notar na frase (8a), é naturalmente importante realçar que o *se* com valor passivo tem por referente uma entidade arbitrária identificada com o agente da passiva. O SN pós-verbal é o SU da frase (Brito, Duarte, & Matos, 2003).

O verbo tem de ser transitivo, como na ativa correspondente. Nesta estrutura, o clítico *se* suspende a atribuição de relação temática de agente à posição de argumento externo e de caso acusativo ao argumento interno do verbo, pois o *se* absorve o acusativo. Notemos o seguinte quadro em que se apresenta uma síntese das estruturas passivas.

		TIPOS DE PASSIVA	
		Passiva Verbal	Passiva de “se”
PROPIEDADES	Expressão da diátese passiva	Verbo “ser”	Clítico “se”
	Forma do verbo pleno	Participial	Sempre na 3. ^a pessoa
	Posição do sujeito	Pré ou pós-verbal	Em geral, pós-verbal
	Sintagma preposicional agentivo	Admite-o	Dispensa-o obrigatoriamente

Quadro 3: Diferenças entre a passiva verbal e passiva pronominal

Estruturas de sujeito indeterminado

As estruturas de sujeito indeterminado constroem-se a partir do recurso a formas verbais de 3.^a pessoa do singular; com efeito, o uso de formas verbais na 3.^a pessoa do singular é obrigatório, quando o verbo é acompanhado do clítico *se*, pois é um clítico argumental de referência arbitrária; o recurso a infinitivos não flexionados; por *a gente* ou por expressões lexicais nominais ou pronominais impessoais –como *eles*, *as pessoas*, *alguém* (Ribeiro, 2011). Notemos a diferença entre a Estrutura transitiva lexicalmente plena e a Estrutura transitiva de sujeito indeterminado.

	ESTRUTURA TRANSITIVA LEXICALMENTE PLENA “O andré dança Kizomba”.		ESTRUTURA TRANSITIVA DE SUJEITO INDETERMINADO “Dança-se Kizomba”.	
EST. TEMÁTICA	Agente	Tema	Agente	Tema
EST. ARGUMENTAL	X	Y	X	Y
EST. SINTÁTICA	SU O André	OD Kizomba	SU SE	OD Kizomba

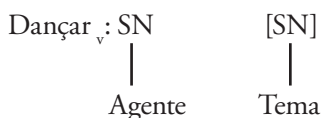
Quadro 4: Estrutura temático argumental dos predicadores transitivos em estruturas transitivas plenas e estruturas de *se* nominativo

O constituinte com a relação gramatical de sujeito pode ser um argumento externo de predicadores verbais transitivos (9a) e inergativos (9b); pode ser o argumento interno direto de predicadores verbais inacusativos (9c); e o argumento externo do predador secundário em estruturas copulativas (9d).

- (9a) [A condução prolongada]_{SU} provoca fadiga.
 (9b) [A Joana]_{SU} espirrou.
 (9c) Chegado [o João]_{SU}. vs [O João]_{SU} chegou (Duarte, 2003a).
 (9d) [O André]_{SU} é engenheiro.

Quando usamos o clítico *se* como sujeito indeterminado –também denominado sujeito impessoal, indeterminado ou sujeito com interpretação arbitrária– podemos parafraseá-lo por expressões nominais como *alguém* ou *uma pessoa* (Brito, Duarte, & Matos, 2003).⁴ Em alguns casos, este *se* absorve o caso nominativo. Para exemplificar, notemos a seguinte frase:

- (10a) “[Aqui]_{Locativo} [o André]_{Agente} dança [kizomba]_{Tema} intencionalmente”.
 (10b) “[Aqui]_{Locativo} dança-[se]_{Agente} [kizomba]_{Tema} intencionalmente”.



Trata-se precisamente de uma frase cujo verbo *dançar* é inergativo de atividade física e o argumento sujeito (10b) tem uma interpretação arbitrária. Além disso, a presença do advérbio orientado para o agente –*intencionalmente*, também substituível por *voluntariamente* e *propositadamente*– não nos dá margem de dúvida para deduzir que o *se* absorve o papel temático do argumento externo que o verbo tem para atribuir. Tanto pode ser agente como outro (Duarte & Brito, 2003).

Assim, o clítico *se* aparece na frase acima como símbolo do constituinte com a relação gramatical de sujeito indeterminado, ao qual se atribuiu, portanto, o caso nominativo (Duarte & Brito, 2005). Temos um predicado unário que, nesse caso, denota um processo, pois descreve uma situação dinâmica e atética, tem duração, é homogénea, não tem estado consequente e admite a expressão “durante x tempo” (Oliveira, 2003). Teremos a seguinte frase, caso verificuemos a classe aspetual: “Aqui dança-se intencionalmente durante três horas”.

Usando o teste de substituição, podemos substituir o *se* por *alguém*, caso a frase seja afirmativa, ou *ninguém*, caso seja negativa. Teríamos assim a seguinte

⁴ Usa-se o clítico nominativo *se* acompanhado da 3.^a pessoa no singular de um verbo para exprimir o sujeito com interpretação arbitrária pois, no português, não existe de facto um pronome tónico para o exprimir (Duarte, 2003a).

construção: “Aqui alguém dança intencionalmente”. Temos, mesmo assim, o sujeito indeterminado *alguém* (Mendikoetxea, 1999). Caso usássemos uma oração negativa, teríamos a seguinte construção: “Aqui ninguém dança intencionalmente”.

O tipo de sujeito não foi alterado. Poderíamos continuar a frase com uma adverbial final, a fim de identificar o agente. Teríamos, assim, a seguinte frase:

(11) “Aqui dança-se intencionalmente para causar uma boa impressão”.

Em alguns casos o *se* nominativo não tem o valor de agente. A título ilustrativo, notemos as seguintes frases:

(12) “Aqui, morre-[se]_{Tema} muito”.

(13) “Aqui, nasce-[se]_{Tema} pouco”.

(14) “Aqui, ama-[se]_{Experienciado} muito”.

Nestas frases de predicado unário, o *se* nominativo não tem o papel de agente. Aparece apenas como símbolo do constituinte com a relação gramatical de sujeito indeterminado, ao qual se atribuiu, portanto, o caso nominativo.

(15) “Aqui, morre-se muito às 5h da manhã”.

(16) “Aqui, nasce-se pouco às 2h da tarde”.

Convém lembrar que o *se* nominativo não admite construções de redobro de clítico. É obrigatoriamente referencial, e, por esta razão, não ocorre associado a uma posição de pronome expletivo, tal como se nota na agramaticalidade da seguinte frase: “Aqui, chove-se” (Brito, Duarte, & Matos, 2003).⁵

“Se” anafórico

Trata-se de construções em que o clítico *se* está sob *c*-comando do respetivo antecedente. Partindo deste pressuposto, uma anáfora tem de ter o seu antecedente dentro da oração a que pertence; não pode ela própria ocupar a posição de sujeito;

⁵ Importa sublinhar que, segundo Mendikoetxea (1999), “las impersonales con *se* se asemejan más a las oraciones activas asociadas que a las pasivas perifrásticas en cuanto a la realización sintáctica del objeto nocional como objeto gramatical”.

entre o antecedente e a anáfora não pode interpor-se uma expressão nominal que seja, ela própria, um sujeito.

O *se* anafórico é um argumento interno do predicador verbal em estruturas reflexas e recíprocas. Estabelece, assim, relações gramaticais de objeto direto ou objeto indireto dentro do domínio sintático de predicação. O *se* reflexo e o *se* recíproco ocorrem em estruturas que descrevem situações com características diferentes, nomeadamente no que se refere ao número de intervenientes nelas envolvidos, às relações que entre si mantêm e ao tipo de papéis temáticos a que estão associados.

Dependendo da estrutura temática do predicador verbal, este *se*, tendo a relação gramatical de acusativo ou dativo, tem o papel temático de tema ou alvo. Este, apesar de ter estatuto argumental, carece de autonomia a vários níveis e revela uma configuração lexical compactada. Este *se* é destituído de acentuação própria, nunca tem capacidade referencial autónoma e, por isso, é sempre dependente de um antecedente, necessariamente pertencente à mesma frase com capacidade para fixar o seu valor referencial.

Estruturas reflexas

Trata-se de estruturas que descrevem uma situação em que uma entidade age sobre si própria, fazendo com que a ação que inicia se reflita em si mesma. As estruturas reflexas agentivas volitivas são as reflexivas prototípicas. O constituinte com a relação gramatical de sujeito é, em estruturas reflexas, agente e paciente (Ribeiro, 2011). Podemos notar isso na seguinte frase:

(17) “A Maria lavou[-se]_{Tema}”.

O *se* reflexo ocorre em estruturas transitivas. Nestas estruturas, o *se* pode ter a relação gramatical de objeto indireto, quando está com verbo bitransitivo (Bechara, 1999).

Quando se usa o *se* com o valor de clítico dativo, o mesmo não ocorre na sua posição canónica (Brito, Duarte, & Matos, 2003). Para uma compreensão disso, notemos a seguinte frase:

(18) “[A Maria]_{Agente Paciente} deu[-se]_{Alvo} a si própria [um presente]_{Tema}”.



Temos, por certo, um predicado ternário, pois, tendo em conta a seleção categorial e semântica, o verbo é bitransitivo e seleciona, portanto, três argumentos: o argumento externo tem a relação gramatical de sujeito, um argumento interno tem a relação de objeto direto e outro, sendo o *se*, é um argumento interno com a relação gramatical de objeto indireto. Caso o predicador verbal fosse transitivo, como na frase (17), teríamos o esquema do seguinte quadro:

CONSTITUINTES		
ESTRUTURA TEMÁTICA	Agente _i	Paciente _i
ESTRUTURA ARGUMENTAL	X _i	Y _i
ESTRUTURA SINTÁTICA	SU _i	OD _i

Quadro 5: Organização e materialização da estrutura temático-argumental das estruturas reflexas
Fonte: (Ribeiro, 2011)

Estruturas recíprocas

As estruturas recíprocas são naturalmente construções verbais que codificam situações em que participam pelo menos dois intervenientes que realizam a mesma ação um sobre o outro, ou seja, A age sobre B e B age sobre A. Notemos a sua representação.

Participantes na situação extralinguística		
	A	B
	↓	↓
	↙	↘
	↓	↓
ESTRUTURA TEMÁTICA	Agente _i	Paciente _i
ESTRUTURA ARGUMENTAL	X _i	Y _i
ESTRUTURA SINTÁTICA	SU _i	OD _i

Quadro 6: Organização e materialização da estrutura temático-argumental das estruturas recíprocas

Fonte: (Ribeiro, 2011)

O *se*, além de reflexo verdadeiro, tendo em conta a perspectiva de Bechara (1999), tem a relação gramatical de acusativo, quando está com verbo transitivo direto tanto na voz reflexiva como na recíproca. Concentremos a nossa atenção na frase que se segue e, posteriormente, analisemo-la para se esclarecer o valor da estrutura em estudo como tema e clítico acusativo:

(19) “[O Reuel e a Acsa]_{Agente e Paciente} beijaram-[se]_{Tema} durante dois minutos”.

Beijar _v : SN	[SN]
Agente	Tema

Pelo seu conteúdo, percebemos que o processo descrito no domínio de predicação é efetuado pelas duas entidades denotadas pelas expressões referenciais. O predicador verbal é um verbo transitivo, pois seleciona um argumento externo com a relação gramatical de sujeito e um argumento interno com a relação gramatical de objeto direto (Reinhart & Siloni, 2005). O argumento externo é ao mesmo tempo agente e paciente. O *se*, sendo argumento interno, tem a relação gramatical de objeto direto.

Assim, o *se* acusativo para aparecer em estruturas recíprocas, tem de satisfazer algumas condições, tais como: o sujeito da oração, por um lado, deve ser plural; por outro, o sujeito e o verbo devem necessariamente exibir as mesmas marcas de concordância (Brito, Duarte, & Matos, 2003). Além disso, este *se* pode coocorrer em estruturas reflexas. A título ilustrativo, podemos ver na seguinte frase. “O Paulo elogiou-se em frente de toda a turma”. Julgamos importante apresentar o seguinte quadro dos três valores de *se* até agora abordados.

	SE anafórico	SE indeterminador	SE apassivador
Capacidade referencial autónoma	-	+	+
Referência delimitada/identificável	+	-	-

Quadro 7: Caracterização do SE anafórico, indeterminador e apassivador quanto à capacidade referencial

Fonte: Ribeiro (2011)

Alternância causativa: “se” decausativo

Este *se* também é denominado clítico ergativo, anticausativo ou inacusativo. Esta denominação advém, por um lado, do facto de a sua ocorrência inibir a presença do argumento externo (sujeito) do verbo a que se associa, o qual deteria as relações temáticas de Causador ou de Agente (Brito, Duarte, & Matos, 2003). Por outro lado, ocorrendo precisamente com verbos transitivos, a sua função fundamental é, acima de tudo, de transitivizar o verbo. Visto que o verbo é o seu hospedeiro, o *se* como clítico ergativo comporta-se como um sufixo derivacional de transitivizador. Este *se* pode ser omitido. A título ilustrativo, atentemos na seguinte frase.

- (20) a. “[A cadeira]_{Tema} partiu(-se)”.
 b. “[A Maria]_{Agente} partiu [a cadeira]_{Tema}”.

O verbo *partir* apresenta, geralmente, uma estrutura argumental binária (20b), cujo argumento externo é um Agente e o argumento interno é um Tema. No exemplo (20a), o verbo *partir* apresenta-se como intransitivo, cuja partícula de transitivizadora e sem qualquer valor argumental nem conteúdo referencial

é o clítico *se* (Mendes & Estrela, 2008). Sob o ponto de vista semântico, a frase expressa uma culminação, pois descreve uma situação dinâmica, télica, que tem estado consequente, não tem duração nem é homogénea, e admite a expressão “a x tempo” (Duarte & Brito, 2003). A título ilustrativo, é gramatical a seguinte estrutura:

(21) “A cadeira partiu às 9h da manhã”.

O SN que ocupa a posição de SU (pré ou pós-verbal) corresponde ao argumento interno do predicador verbal (daí a aproximação com a passiva); mas, diferentemente da passiva, é incompatível com a presença de agente, mas não com a causa.

(22) “A cadeira partiu-se por causa do peso do André”.

Este *se* tem tendência a ser omitido, inclusive no português angolano como mostraremos; ao contrário da passiva, o uso deste *se* é limitado a certos verbos transitivos, parecendo ser um mecanismo lexical e não transformacional, idiossincrático de certos verbos. Tendo o valor de sufixo derivacional destransitivizador, o clítico *se* como decausativo, normalmente, não ocorre em construções de redobro de clítico, tal como se pode notar na agramaticalidade de (23):

(23) “A cadeira partiu-se a si mesma”.

Estruturas de “se” inerente

Este *se* não tem conteúdo semântico. Há certos verbos que só se conjugam na forma pronominal. Designam-se como casos de clítico inerente as formas do pronome reflexo que não estão associadas a qualquer posição argumental ou de adjunto e em que o clítico não pode ser interpretado como uma partícula destransitivizadora. Este clítico não pode co-ocorrer com as expressões *a si próprio* ou *a si mesmo* (Brito, Duarte, & Matos, 2003). A título ilustrativo, notemos a seguinte frase:

(24) “Licenciou-se em ensino de Português [...]”.

Notamos, em (24), uma informação sobre alguém que se formou em ensino de um idioma. Reparámos que o clítico é exigido pelo próprio verbo. O *se*, por conseguinte, faz parte integrante do verbo.

Neste caso em que o clítico *se* tem um valor de reflexo inerente, além de revelar uma incompatibilidade de coocorrência em construções de redobro com as expressões *a si próprio* ou *a si mesmo*, não tem conteúdo semântico. Esta impossibilidade de paráfrase com a expressão *a si próprio* e o facto de não receber nenhum papel temático mostra que não estamos perante verdadeiras anáforas reflexas. O clítico *se* com valor inerente não afeta a estrutura argumental do predicador verbal (Brito, Duarte, & Matos, 2003).

Diferenças estruturais com o *se* em Angola

Importa referir que o estudo da variedade do português, em Angola, implica precisamente uma reflexão e um exame prévio das condicionantes históricas, sociais e linguísticas que caracterizam este país, ainda que sucintamente, pois, apesar de ser a língua oficial, não é falada por todos os seus habitantes e não há uma língua bantu que seja falada em toda a dimensão do território nacional (Hock & Joseph, 1996).

O português, tal como se pode notar no Decreto n.º 77 emitido por Norton de Matos, era considerado a língua superior em relação às autóctones, pois só se permitia o uso das línguas de Angola na catequese. Apesar disso, as línguas preexistentes resistiram ao processo da glotofagia.⁶

Em virtude da diversidade linguística de Angola, depois da independência, não se podia ter, de facto, predileção por alguma língua nacional para que esta fosse língua oficial, pois isto desencadearia num conflito sem precedentes. No entanto, o português é, como reza a Constituição da República de Angola no artigo décimo, a língua oficial. Parece-nos evidente que assim o é, para manter a unidade nacional. Porquanto, não privilegiaria nenhum grupo etno-linguístico.

Qualquer língua é um sistema heterogéneo, aberto e dinâmico, em constante mudança e caracterizado pela variação. Não sendo exatamente igual em todos que a falam, não existe língua sem variação; ela acompanha, por conseguinte, a dinâmica social (Mateus & Cardeira, 2007). Qualquer variedade de uma língua é, assim, um sistema que varia e se transforma. Considerando que não nos parece haver, sob o ponto de vista linguístico, nenhuma megalomania entre as variedades, o magníloquo recorre a estes sistemas complexos em diferentes momentos, dependentemente das condições de produção.

⁶ Os manuais de ensino religioso estavam escritos em português, sendo, como sublinha Castro (1978), as missões religiosas católicas e protestantes responsáveis por tal ensino. As primeiras eram pagas pelo Governo português e as segundas não recebiam nada.

Na variedade angolana, usa-se mais a passiva verbal e a estrutura é como a do português europeu. A passiva de *se* é muito rara na oralidade. Quanto ao uso em estruturas de sujeito indeterminado, é comum o uso dos pronomes indefinidos *alguém* e *ninguém*. Notemos a frase:

(25a) “Alguém deixou a janela da cozinha aberta”.

(25b) “Vendeu-se muitas casas naquele bairro” (Mendes & Estrela, 2008).

Relativamente à relação gramatical do clítico *se* anafórico, na variedade angolana continua como objeto direto ou objeto indireto, tal como acontece no português europeu.

(26) “O João lavou-se de manhã antes de sair” (Mendes & Estrela, 2008).

A sua posição relativamente ao hospedeiro verbal é, normalmente, proclítica (Mingas, 2000). Em alguns casos, o clítico *se* é usado como anafórico acompanhado de constituinte e predicador verbal de primeira pessoa gramatical (Hagemeyer, 2016). O clítico *se* é usado com antecedente que não é de terceira pessoa, como nos exemplos seguintes:

(27) “Eu não se mexi” (Hagemeyer, 2016).

Quanto ao clítico inerente, há uma tendência para a sua omissão principalmente com o verbo “sentar-se”, como notamos nas frases (28-31) retiradas de Mendes e Estrela (2008):

(28) “Então, é lógico, que efetivamente [...] que os jornalistas possam sentar [-], não é, e realmente, eh, ter ideias comuns”.

O *se* com o valor decausativo, é muitas vezes omitido (29). Além disso, pode dar-se a repetição do clítico (30) e a inserção desnecessária do mesmo (31).

(29) “Deixei de estudar porque, [...] depois de passar de classe, da décima classe, começaram a complicar, o programa alterou [-]”.

(30) “Nos primeiros anos, o indivíduo fica [...] no meio da língua que se pretende mais tarde assimilar-se”.

(31) “É qual é a sua maior aspiração depois de [...] ter-se triunfado na vida [...]”.

Conclusão

A compreensão da variedade do Português de Angola é essencial para o trabalho numa perspetiva comparativa com o Português Europeu. Visto que o domínio de uma língua é, por conseguinte, o resultado de práticas efetivas, significativas e contextualizadas, esta reflexão revestiu-se de seis pontos principais –a passiva verbal, o *se* impessoal, o *se* anafórico, *se* decausativo, *se* inerente e as principais diferenças com o *se* em Angola–.

Explicitamos que a passiva verbal ou perifrástica é expressa através do verbo *ser* como verbo auxiliar. A estrutura temática desta mantém-se; tem, porém, uma estrutura informacional e sintática diferente. Vimos que a passiva com o *se* é expressa através do pronome átono de terceira pessoa *se*, sem qualquer verbo auxiliar ou morfologia verbal especial no verbo pleno.

Verificamos que, relativamente aos outros valores de *se* em português, há o *se* nominativo que ocorre como sujeito indeterminado com verbos na terceira pessoa do singular. O *se* anafórico ocorre em estruturas reflexas e recíprocas, o qual, dependendo da estrutura temático-argumental do predicador verbal, pode ter a relação gramatical de acusativo ou dativo. O *se* decausativo ocorre com verbos transitivos. A sua função é destransitivizar o predicador verbal. Há, por fim, o *se* inerente que não tem conteúdo semântico.

Constatamos que as principais diferenças entre o Português Europeu e o Português em Angola consistem no uso do *se* com verbos na primeira pessoa; na omissão do clítico inerente e do clítico decausativo; na repetição e inserção desnecessária do clítico.

Estas diferenças não acontecem apenas no uso do clítico *se*. Se partirmos de uma análise minuciosa, é notável inclusive nas propriedades semânticas de conectores frásicos. Isso levar-nos-ia a ponderar em até que ponto se ensina o português como língua primeira enquanto seria melhor que se ensinasse como língua segunda, mas isso seria matéria para outro trabalho.

Referências bibliográficas:

- Baker, M. (2001). “Syntax”. In M. Aronoff, & J. Rees-Miller, *The Handbook of Linguistics* (pp. 265-294). Oxford: Blackwell.
- Bechara, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brito, A. M., Duarte, I., & Matos, G. (2003). “Tipologia e Distribuição das Expressões Nominais”. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 795-867). Lisboa: Caminho.

- Castro, A. (1978). *O Sistema Colonial Português em África*. Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. (2003a). “Relações Gramaticais, Esquemas Relacionais e Ordem das Palavras”. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 275-321). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. (2003b). “A Família das Construções Inacusativas”. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 507-548). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I. (2010). “Mudam-se os Tempos, Muda-se a Gramática”. In A. M. Brito, *Gramática: História, Teoria e Aplicações* (pp. 11-28). Porto: Fundação Universidade do Porto.
- Duarte, I. (2013). “Construções Ativas, Passivas, Incoativas e Médias”. In E. B. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português* (pp. 427-458). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Duarte, I., & Brito, A. M. (2003). “Predicação e Classes de Predicadores Verbais”. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 179-203). Lisboa: Caminho.
- Duarte, I., & Brito, A. M. (2005). “Sintaxe”. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 247-302). Lisboa: Caminho.
- Eliseu, A. (2008). *Sintaxe do Português*. Lisboa: Caminho.
- Hagemeyer, T. (2016). “O Português em Contacto em África”. In A. M. Martins, & E. Carrilho, *Manual de Linguística Portuguesa* (pp. 43-67). Berlin/Boston: Walter de Gruyter.
- Hock, H., & Joseph, B. (1996). *Language History, Language Change, and Language Relationship: An Introduction to Historical and Comparative Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Jackendoff, R. S. (1991). “Grammatical Relations and Functional Structure”. In M. H. Campos, & M. F. Xavier, *Sintaxe e Semântica do Português* (pp. 131-154). Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, M. H., & Cardeira, E. (2007). *Norma e Variação*. Lisboa: Caminho.
- Mendes, A., & Estrela, A. (2008). “Constructions with Se in African Varieties of Portuguese”. *Phrasis*, pp. 83-107.
- Mendikoetxea, A. (1999). “Construcciones con Se: Medias, Pasivas e Impersonales”. In I. Bosque, & V. Demonte, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* (pp. 1631-1722). Madrid: Espasa Calpe.
- Mingas, A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Luanda*. Luanda: Chá de Caxinde.

- Oliveira, F. (2003). “Tempo e Aspecto”. In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 127-178). Lisboa: Caminho.
- Peres, J. A., & Moia, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, E. B. (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho.
- Reinhart, T., & Siloni, T. (2005). “The Lexicon-Syntax Parameter: Reflexivization and Other Arity Operations”. *Linguistic Inquiry*, pp. 389-436.
- Ribeiro, S. I. (2011). *Estruturas com Se Anafórico, Impessoal e Decausativo em Português*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Wasow, T. (2001). “Generative Grammar”. In M. Aronoff, & J. Rees-Miller, *The Handbook of Linguistics* (pp. 295-318). Oxford: Blackwell.